

Luandino diz que ainda falta justiça social em Angola

Escritor angolano fala em Coimbra sobre as memórias da guerra

Vive normalmente em reclusão no Minho, longe dos olhares e avesso a falar com os *media*. Porém, aos 77 anos, Luandino Vieira continua interessado no mundo e no que se passa em Angola, de onde saiu em 1992 depois do recomeço da guerra civil. Da sua pátria diz que há nela sinais de "que a luta está a prosseguir" e isso dói-lhe como ser humano. "Penso com indulgência que se está a avançar" para a justiça social, "mas não dou conta disso", afirmou o escritor.

Lutador pela independência de Angola (pela qual passou 12 anos nas prisões da ditadura) e um dos mais importantes escritores do país (autor de uma das obras-chave da angolidade: "Luuanda") e da língua portuguesa, Luandino Vieira mostra que tem esperança no futuro do país, porque acredita na capacidade de transformação que a juventude poderá trazer "quando fizer as perguntas certas".

"Na nossa geração também não sabíamos, não eram as respostas, eram as perguntas. Quando fizemos as perguntas corretas fomos para a luta armada", disse o escritor no encontro internacional "Memórias de tanta guerra", organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. No encontro, Luandino Vieira aproveitou para ler algumas passagens do diário que escreveu em papel higiénico na prisão: "Devo ser o único que tem um diário de 12 anos de cadeia."

Defensor de que "cada geração tem uma tarefa" a desempenhar, Luandino garante que pode "morrer feliz" porque lutou pela independência do seu país, embora lhe "doa que não tenha sido possível avançar" no domínio da justiça social. Apesar de ter deixado Angola há 20 anos, continua a ver, ouvir e ler sobre o seu país e, segundo ele, "é tão claro o que se vê, na negação e na afirmação", como no caso daquilo a que chama "descaramento da posse capitalista". *A. R. com Lusa*